



POLÍTICA OPERÁRIA

Salário não é renda! Nenhuma cobrança de Imposto de Renda sobre os salários! Lutemos por um salário mínimo vital, que seja suficiente para manter a família trabalhadora!

No dia 5/11, o Senado aprovou a proposta do governo Lula de isenção do Imposto de Renda para quem ganha até 5 mil reais e reduz parcialmente o tributo para quem ganha entre 5000,01 e 7.350,00. Apesar de passar a taxar em 10% a renda dos super-ricos obtida a partir dos dividendos, a medida inclui uma série de exceções como a renda obtida por meio de heranças e doações, rendimentos de poupança, imobiliários e agronegócio, entre outros.

Tal mudança não irá beneficiar em nada os trabalhadores que recebem até dois salários mínimos por mês. A grande maioria dos trabalhadores, cerca de 74,5% da população “ocupada” recebe até 3.036,00 reais (e já está atualmente isenta). Bastam esses dados para desmascarar a demagogia de Lula e Haddad de que o Brasil estaria alcançando mais “justiça tributária” e se tornando “um país mais justo”. Na prática, está claro a manobra eleitoreira do governo em oferecer uma migalha a um segmento da classe média arruinada pensando na eleição do próximo ano. O teatro entre governo e Congresso em torno da isenção do imposto de renda esconde a real situa-

ção de que a maior parte da carga tributária recai sobre os mais pobres na forma de impostos indiretos sobre o consumo.

O Boletim Nossa Classe chama os explorados a exigir que os sindicatos e centrais rompam com o governo burguês de Lula e convoquem um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios, pela bandeira de “nenhuma cobrança de Imposto de Renda sobre os salários”, junto às bandeiras de não pagamento da dívida pública; emprego a todos, por meio da redução da jornada de trabalho, sem redução de salários; um salário mínimo vital (R\$ 7.526, segundo cálculos do Dieese), que seja suficiente para manter a família trabalhadora e reajustado automaticamente - aumentam os preços, aumentam os salários. Com essa luta, poderemos desmascarar a política pró-capitalista do governo Lula e do Congresso, e preparar as massas para a destruição revolucionária do Estado burguês e de toda a sua carga tributária, que recai quase que inteiramente sobre os explorados.

Unificar a luta pela estabilidade no emprego a todos os trabalhadores, do setor público e privado!

Até 1967, os operários das fábricas possuíam direito à estabilidade no emprego. Para permitir a demissão e a rotatividade dos operários pelos patrões, a ditadura militar (1964 - 1985) aprovou a Lei Nº 5.107, de 1966, que acabou com estabilidade no emprego e criou o regime de Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). Antes dessa lei, os patrões não podiam demitir os operários que completassem mais de 10 anos no emprego. Colocar fim à estabilidade tinha como objetivo também quebrar a resistência dos operários mais antigos, que eram linha de frente nas greves contra o regime militar e contra a exploração dos patrões.

Hoje, o governo Lula, juntamente com os partidos de oposi-

ção burguesa, estão negociando no Congresso Nacional a contrarreforma administrativa, que pretende retirar direitos e acabar com a estabilidade no emprego do funcionalismo público em âmbito nacional, procurando assim, impedir a luta dos trabalhadores contra o sucateamento dos serviços de saúde e educação, e precarizar ainda mais o atendimento aos trabalhadores, que têm no serviço público a única opção para suprir suas necessidades elementares.

O Boletim Nossa Classe chama a classe operária e demais explorados a exigir que os sindicatos e centrais convoquem um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios, como preparação da greve geral, para colocar abaixo as contrarreformas

administrativa, trabalhista e previdenciária, a lutar pela estabilidade no emprego a todos e pela efetivação dos trabalhadores terceirizados e contratados.

Participe do

ENCONTRO OPERÁRIO

Entre em contato: (11) 95446-2020
@massas.por

Nosso objetivo é construir comissões de fábrica e oposições sindicais democráticas, classistas e revolucionárias, para resgatar os sindicatos para a luta em defesa dos empregos, salários e direitos!

29/11 • 17h
Presencial



Volks, com apoio da burocracia, coloca trabalhadores em lay-off e tira o couro dos que ficam na produção

Um operário da Volkswagen denunciou ao Nossa Classe que, devido ao aumento da produção, a Volks está convocando os trabalhadores para trabalharem dois sábados adicionais como horas extras e, ao mesmo tempo, a Volks colocou mais de 100 trabalhadores em lay-off, ou seja, uma parte dos trabalhadores está em casa, com o contrato suspenso, recebendo 82% do salário, com a corda no pescoço, ameaçada de perder o emprego, enquanto a empresa tira o couro dos que estão na produção.

O companheiro denunciou os baixos salários pagos aos novos contratados. Enquanto os operários efetivos do Grau 6 recebem R\$ 7.235,49, o salário inicial de um contratado é de apenas R\$ 2.367,69. O companheiro informou ainda que, segundo informação do próprio sindicato, cerca de 60% dos trabalhadores da Ala 14 (montagem final) adquiriram doenças ocupacionais, devido ao ritmo acelerado da produção.

Isso explica por que no último acordo feito com a Volks, a direção traidora do sindicato incluiu uma cláusula que permite à empresa demitir trabalhadores lesionados que não conseguirem trabalhar em postos indicados pelos

açougueiros do departamento médico da empresa.

A denúncia do companheiro confirma o acerto do POR e do Boletim Nossa Classe, que vem fazendo uma campanha permanente contra os acordos de demissão, terceirização, banco de horas, redução de jornada com redução de salários, lay-offs e PDVs, que têm permitido à Volks e demais empresas aumentar a exploração da força de trabalho, produzir mais com menos trabalhadores, reduzir custos e aumentar seu lucro.

O Boletim Nossa Classe chama os operários da Volks e demais empresas a construir urgentemente as comissões de fábrica de luta, classistas e revolucionárias, para combater a política de conciliação e expulsar a burocracia do sindicato; a construir uma direção revolucionária, que organize a luta coletiva da classe operária contra as demissões e o fechamento de fábricas, por meio da greve, da ocupação de fábricas, do controle operário da produção e da estatização sem indenização de todos os setores da indústria. Defender um sindicato que se coloque sob a estratégia da revolução e ditadura do proletariado, da luta pelo socialismo.

Somente um governo operário e camponês, fruto de uma revolução social, poderá desenvolver a indústria nacional

Em meados da década de 1980, o setor industrial chegou a ser responsável por quase metade do PIB brasileiro. Desde a década de 1990, entretanto, o Brasil tem sofrido um processo de desindustrialização, que se agravou nos últimos 10 anos. A indústria de transformação, que em 1985 representava 36% do PIB, terminou o ano de 2021 com apenas 11% de participação na produção nacional. Mais grave ainda foi a queda da participação da indústria brasileira na produção mundial. Em 1995, a indústria manufatureira representava 2,77% da produção mundial, percentual que hoje é de apenas 1,28% - ou seja, praticamente a metade, como mostra recente estudo elaborado pela CNI.

Os dados do processo de desindustrialização do país confirmam a tese marxista de que a burguesia nacional, pelo seu caráter entreguista e de subordinação ao imperialismo, é incapaz de desenvolver a indústria nacional. No Brasil e demais semicolônias, são as multinacionais que controlam os ramos chaves da economia, portanto, são quem determinam o que, a quantidade e o preço de tudo que é produzido. A mesma burguesia imperialista que financiou segundo seus interesses setores da economia, como a mineração, ferrovias, indústria auto-

mobilística e outros, agora, devido à crise de superprodução capitalista, está fechando suas fábricas, como aconteceu com as quatro unidades da Ford no Brasil, a LG em Taubaté, a Toyota no ABC, a CAO A Chery em Jacareí e muitas outras, causando demissão em massa e miséria para a classe operária.

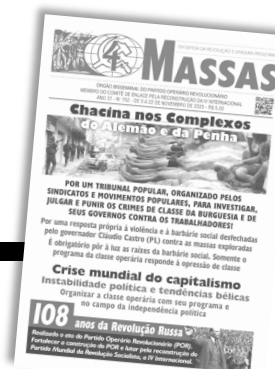
O Brasil continua sendo uma semicolônia, exportador de matérias-primas. O governo burguês de Lula é um fiel defensor da propriedade privada, dos interesses da burguesia nacional e do imperialismo. O Plano Safra, de R\$ 500 bilhões, entregue pelo governo aos empresários do agronegócio; o plano “Nova Indústria Brasil”, que entregou R\$ 300 bilhões à burguesia industrial e o pagamento de mais de R\$ 1 trilhão da dívida pública aos banqueiros e ao capital financeiro no último ano, mostram o caráter burguês, antinacional e antipopular do governo Lula.

O programa “Nova Indústria Brasil” não objetiva desenvolver a indústria nacional, como afirma o governo burguês de Lula e a burocracia sindical governista. Ao contrário, é um plano de ajuda aos empresários que estão sendo beneficiados com bilhões do dinheiro público, enquanto fecham fábricas e demitem em massa

a classe operária. Na atual fase do capitalismo, imperialista, os sindicatos ou defendem uma política revolucionária ou uma política burguesa. A burocracia sindical ligada à CUT, Força Sindical, CSP-Conlutas e demais centrais abandonou a luta em defesa do programa próprio de reivindicações da classe operária e passou a defender acordos antioperários, que garantem os interesses dos capitalistas e multinacionais.

Somente um governo operário e camponês, resultado de uma revolução social que colocará fim a propriedade privada e estabelecerá a propriedade social, coletiva dos meios de produção, poderá expropriar, sem indenização, nacionalizar e desenvolver a indústria nacional e demais setores da economia, sob o controle operário.

O Boletim Nossa Classe chama a classe operária e demais explorados a construir nosso próprio partido, operário e revolucionário, que lida a luta pelo programa próprio de reivindicações do proletariado à luta pela destruição do capitalismo e construção do socialismo.



Leia e divulguem o Jornal Massas. É um jornal voltado à luta pela emancipação da classe operária e demais oprimidos da exploração capitalista. É um jornal do Partido Operário Revolucionário (POR) que luta pelo fim do capitalismo e pela construção da sociedade sem exploração do homem pelo homem, uma sociedade socialista. **O Boletim Nossa Classe chama os trabalhadores a dar todo apoio ao Jornal Massas!**